

Remix Ensemble

Casa da Música

Martin André direcção musical

Jörg Widmann clarinete

Jorge Prendas narrador

11 Mai 2019 · 18:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA





Maestro Martin André sobre
o programa do concerto.

<https://vimeo.com/334948527>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco
REDES DE ESCOLAS
MÚSICAS DE PORTUGAL

REMA
REDES DE ESCOLAS
MÚSICAS DE ALGARVE

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

1ª PARTE

John Adams

Chamber Symphony (1992; c.22min)

1. *Mongrel Airs*
2. *Aria with Walking Bass*
3. *Roadrunner*

Luís Tinoco

Spam!, para voz e ensemble (2009; c.16min)

1. *A living metaphor flying over –*
2. *Check your art sense*
3. *Why I contacted you*
4. *Go, George, go!*
5. *Dr. Maxman*

2ª PARTE

Wolfgang Rihm

Male über Male 2, para clarinete e ensemble (2000-2008; c.15min)*

1. *frei, nicht schnell*
2. *sehr langsam, wie aus weiter Ferne*
3. *in drängender Unruhe*
4. *langsam*

Jörg Widmann

Dubairische Tänze (2009; c.18min)*

1. *Zwiefacher*
2. *Valse mécanique*
3. *Wiegenlied*
4. *Jeux d'eaux*
5. *Valse bavaroise*
6. *Schlaflied*
7. *Ländler*
8. *Vier Strophen*
9. *Marsch*

*Estreia em Portugal

JÖRG WIDMANN - ARTISTA EM RESIDÊNCIA

John Adams

WORCESTER, 15 DE FEVEREIRO DE 1947

Chamber Symphony

John Adams tem-se destacado como um dos compositores americanos mais tocados e premiados internacionalmente, tendo desenvolvido um estilo próprio e eclético. Se um aspecto central na produção de Adams é o foco em assuntos da actualidade, o que tem criado algumas polémicas e potenciado a sua cobertura mediática, a partir de certa altura o compositor recorreu a estilos e géneros musicais do passado, que misturava com a sua abordagem particular reminescente do chamado minimalismo repetitivo. Após ter estudado na Universidade de Harvard, Adams leccionou no Conservatório de Música de São Francisco, onde trabalhou com música electrónica e dirigiu diversos agrupamentos. Nessa época, a sua música assentava na repetição de padrões, tornando audível o processo de composição e desenvolvimento da obra. Paralelamente, conciliou essa abordagem com formas de construir uma narrativa musical menos circular, sobretudo através do recurso a formas do Romantismo e do Modernismo.

A *Chamber Symphony* foi composta no final de 1992 por encomenda da Wallace Alexander Gerbode Foundation, uma instituição mecenática com sede em São Francisco que tem realizado importantes encomendas a artistas de áreas distintas e dinamizado culturalmente a área da Baía de São Francisco. A obra foi destinada ao San Francisco Contemporary Chamber Players, especializado na apresentação de música contemporânea, que a estreou a 12 de Abril de 1993. Contudo, a estreia mundial foi realizada em Haia a 17 de Janeiro de 1993 pelo Schoenberg Ensemble. Em 1994, Adams foi

galardoado com o Royal Philharmonic Society Award pela *Chamber Symphony*.

A obra encontra-se dividida em três secções e é inspirada em universos musicais distintos, reflectindo uma mudança no estilo do compositor, que passou a valorizar elementos como o virtuosismo instrumental e o recurso a texturas mais densas e complexas. De forma aparentemente contraditória, há uma redução de meios, visto que a produção de Adams até à época incidiu sobre géneros como a ópera e a música sinfónica. Esta redução de meios traça uma filiação directa da *Chamber Symphony* na *Sinfonia de Câmara*, op. 9, de Arnold Schoenberg. Essa relação entre uma obra de referência do modernismo musical centro-europeu e a *Chamber Symphony* é reforçada com a utilização de elementos da *Sinfonia de Câmara* por Adams. A outra matriz a que Adams recorre é a música que Carl Stalling compôs para desenhos animados, revisitada pelo compositor quando da infância do seu filho, dedicatário da obra. Um aspecto que a música de Schoenberg e de Stalling têm em comum é a descontinuidade narrativa, no primeiro decorrente de uma abordagem modernista que critica os modelos retóricos do Romantismo, e no segundo pela necessidade de acompanhar um enredo descontínuo e variado. Essa descontinuidade é enfatizada por Adams ao longo da sinfonia, por vezes contrastando elementos heterogêneos de forma abrupta.

A primeira secção da obra, *Mongrel Airs*, destaca-se pela sua trama rítmica, à qual se vão sobrepondo instrumentos a um ritmo estável e percussivo, técnica usada tanto por Schoenberg como por Stalling, aproximando o timbre da orquestra ao universo dos desenhos animados e enriquecendo-o com o recurso ao sintetizador. Desta forma, Adams concilia

o estilo pelo qual ficou conhecido, sobretudo pela periodicidade rítmica e pelo relativo estatismo harmónico, com um virtuosismo contrapontístico assinalável. *Aria with Walking Bass* assenta numa linha grave que mantém o tempo, à qual vão sendo adicionados instrumentos, a solo ou em conjuntos, destacando-se o carácter melódico. A obra termina com uma autêntica catarse, em que um *ostinato* contínuo serve de fio condutor a um andamento altamente virtuosístico quer para os intérpretes, quer para o compositor, numa tentativa de recriar as loucas perseguições protagonizadas pela personagem *Roadrunner*, transpondo-as para um contexto erudito.

JOÃO SILVA, 2014

Luís Tinoco

LISBOA, 16 DE JULHO DE 1969

Spam!, para voz e ensemble

Um homem-bala disparado do México para os EUA (primeiro andamento); os funcionários da Câmara de Frankfurt a confundirem uma obra de arte com lixo (segundo andamento); uma viúva desesperada que propõe transferir cinco milhões de dólares para a nossa conta bancária (terceiro andamento); George W. Bush revelando ter seguido um apelo divino ao invadir o Afeganistão e o Iraque (quarto andamento); e publicidade a uns comprimidos que fazem aumentar o tamanho do pénis (quinto andamento): eis a improvável forma – e o improvável conteúdo – da obra que hoje ouvimos de Luís Tinoco.

O título – *Spam!* – esclarece a proveniência de tão insólitos materiais: trata-se de uma colectânea de mensagens de *spam* – essas mensagens irrelevantes e inapropriadas de

correio electrónico que todos nós regularmente recebemos, contendo desde publicidade enganosa a tentativas de invadir o nosso computador, passando também por notícias estapafúrdias e ofertas de somas avultadas de dinheiro. No caso, Tinoco põe em música mensagens de *spam* que ele próprio foi recebendo na sua caixa de *e-mail*. O texto é alternadamente dito ou cantado por um barítono, acompanhado por um ensemble de 16 instrumentistas.

A música de Tinoco é, de uma ponta à outra, alucinantemente humorística. Os recursos são muito diversificados: ora o humor vem da citação de uma música patriótica muito conhecida, que não esperaríamos encontrar num concerto de música contemporânea (primeiro andamento); ora de sons pré-gravados, que inesperadamente nos transportam para outros ambientes (primeiro e quarto andamentos); ora de ritmos já em si animados, enérgicos e espirituosos (segundo e quarto andamentos); ora da incongruência entre o carácter sombrio da música e o tom, pretensamente lamentoso, mas na realidade ridículo, do *e-mail* (terceiro andamento); ora de um crescendo de tal forma alucinado e excessivo que só pode – em conjugação com o texto – provocar a gargalhada (quinto andamento).

A obra foi composta em 2009, fruto de um desafio muito particular lançado a Luís Tinoco pela OrchestrUtopica. Ao compositor cabia programar um concerto centrado em música americana e, ao mesmo tempo, escrever uma obra que de algum modo se relacionasse com essa música. Tinoco escolheu peças de Augusta Read Thomas, Lee Hyla, John Adams e Frank Zappa – “compositores com quem partilho afinidades”, no dizer do próprio. E há, sem dúvida, um lado americano nesta obra de Tinoco: da atitude de certa forma experimental

em trabalhar materiais de baixa “literatura” às pulsações minimalistas de alguns dos andamentos, sem esquecer a evocação da música de Zappa, na qual o humor é constante.

DANIEL MOREIRA, 2017

Wolfgang Rihm

KARLSRUHE (ALEMANHA), 13 DE MARÇO DE 1952

Male über Male 2, para clarinete e ensemble

Além de compositor, Jörg Widmann é um destacado clarinetista. Entre 2000 e 2003, Wolfgang Rihm escreveu *Male über Male*, para clarinete e agrupamento de cordas, obra estreada por Widmann e pelo Ensemble 13 a 11 de Novembro de 2003. A abordagem de Rihm remete para o movimento que foi apelidado de Nova Simplicidade. Essa corrente caracteriza-se pela resposta particular dada aos modernismos pós-Segunda Guerra Mundial, propondo alternativas à dominância do serialismo integral no universo musical contemporâneo. A 26 de Abril de 2008, estreou *Male über Male 2*, peça escrita entre 2000 e 2008 para clarinete solista e agrupamento de câmara. Encomendada pela WDR, uma emissora de rádio e televisão com sede em Colónia, é um exercício para um clarinetista virtuoso construído a partir de pequenos fragmentos musicais. Tal como *Male über Male*, a sua estreia esteve igualmente a cargo de Widmann, desta vez com os instrumentistas da WDR dirigidos por Emilio Pomàrico.

Em *Male über Male 2*, o solista apresenta fragmentos angulares e baseados em ideias semelhantes que são transformadas ao longo da obra. Dessa forma, o virtuosismo do clarinetista impõe-se a uma sucessão de texturas estáticas em que os nove instrumentos

do *ensemble* se revezam na criação de um ambiente definido pelos timbres e texturas. A exploração dos diversos registos do clarinete, das várias formas de articular o fraseio, das mudanças abruptas de dinâmica e da manipulação directa do timbre são aspectos centrais na obra. Nela, o foco no virtuoso contemporâneo é acentuado pela textura etérea do agrupamento instrumental, cuja abordagem quase pontilhista coloca o solista em permanente evidência. Dessa forma, Rihm constrói uma peça através de pequenos elementos musicais que interagem entre si, criando uma obra orgânica e complexa a partir de uma ideia de simplicidade dos materiais sonoros fundamentais.

Jörg Widmann

MUNIQUE, 19 DE JUNHO DE 1973

Dubairische Tänze

A *suite* de danças foi um género desenvolvido no período barroco e que foi acompanhando os tempos. Em 2009, o clarinetista e compositor Jörg Widmann aceitou o desafio de escrever uma obra para o projecto “into Dubai”, patrocinado pelo Programa Artístico da Siemens. Contrariando as expectativas de uma obra que remetesse para esse emirato, apresentou uma *suite* que satiriza, de forma picaresca, a música popular centro-europeia, sobretudo a da Baviera, sua região natal. Dessa forma, reflectiu sobre o percurso da dança na cultura ocidental, bem como a sua associação umbilical ao entretenimento quotidiano. A obra resultou de uma encomenda do Ensemble Modern, agrupamento que apresentou as *Dubairische Tänze* na Konzerthaus de Berlim a 27 de Maio de 2009, sob a direcção de Franck Ollu.

As *Dubairische Tänze* exageram as características dessas peças ao ponto da caricatura, enfatizada pelo uso particular dos timbres do agrupamento, e começam com *Zweifacher*, uma dança rústica do sul da Alemanha que alterna ritmos binários e ternários. Essa assimetria encontra-se traduzida na angularidade das frases, na suspensão da regularidade rítmica e na sobreposição de dissonâncias de forma a criar um efeito cómico. Segue-se *Valse mécanique*, uma dança em que se destaca o solo de flauta sobre um acompanhamento regular, mas dissonante, remetendo para a ideia de instrumentos mecânicos, como a caixa de música. Tal como o nome indica, *Wiegenlied* é uma canção de embalar, escrita numa textura esparsa em que os elementos sonoros, definidos pelo contraste tímbrico, se encontram

atomizados. Assim, evocam a tradição serial da Segunda Escola de Viena. *Jogos de água* foi escrito para dois percussionistas e, tal como o nome indica, valoriza a teatralidade performativa através do som da água em movimento. A Baviera desenvolveu uma forma particular de valsa que Widmann estilizou através do recurso a dissonâncias sobre um acompanhamento regular, usando o contraponto para enfatizar alguns momentos. Uma atmosfera misteriosa criada pelos agregados sonoros definidos pelo timbre apoia *Schlaflied*, outra canção de embalar. Widmann mistura a rusticidade das danças centro-europeias com a sofisticação urbana da música da família Strauss na sua *Ländler*, onde se destacam solos de diversos instrumentos. *Vier Strophen* é definida pela angularidade do material melódico, frequentemente apresentado em contextos estáticos. As *Dubairische Tänze* terminam com uma marcha caótica que remete para o contexto paramilitar e festivo em que as bandas filarmónicas frequentemente actuam. Música popular e sofisticação modernista fundem-se numa obra variada que evoca diversos períodos da História da Música de uma forma distanciada e satírica.

JOÃO SILVA, 2019

Martin André direcção musical

Depois de estudar violino e piano na Yehudi Menuhin School, Martin André prosseguiu os estudos na Universidade de Cambridge e estreou-se profissionalmente a dirigir *Aida* na Ópera Nacional de Gales, em 1982. Recentemente comemorou 30 anos de uma carreira desenvolvida em teatros de ópera e salas de concerto de todo o mundo. Continua a trabalhar no projecto que co-fundou, o Artisti con brio.

Martin André tem um repertório de ópera vasto, mas é particularmente conhecido pelas suas interpretações de Janáček, Verdi e Mozart. É um dos raros maestros que dirigiu todas as principais companhias de ópera britânicas, incluindo a estreia mundial de *Bakxai* de John Buller na English National Opera. Ao longo da última década aprofundou a relação com a Opera North. Em 2000 dirigiu uma transmissão em directo de *As Bodas de Fígaro* para a BBC. Com a Garsington Opera, dirigiu óperas de Stravinski, Martinů, Mozart e Humperdinck. Foi Director Musical da English Touring Opera (1993-1996).

A sua carreira internacional começou em 1986, com a estreia norte-americana de *Da Casa dos Mortos* de Janáček para a Ópera de Vancouver. Estreou-se nos EUA a dirigir *Carmen* para a Ópera de Seattle. Tem trabalhado regularmente em países como Áustria, Canadá, República Checa, Dinamarca, Alemanha, Holanda, Israel, Itália, Nova Zelândia, Portugal, África do Sul e EUA. No domínio da música sinfónica, o seu repertório é também extenso e variado, destacando-se particularmente as obras de Mozart, Nielsen, Chostakovitch e Tchaikovski. Desenvolve relações especialmente duradouras com a Sinfónica de Limburgo, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e o Collegium Musicum Bergen.

Martin André tem um interesse particular em ajudar a nova geração de músicos, especialmente jovens maestros. Tem uma relação próxima com o Royal College of Music (Londres), a Royal Northern College of Music e o Trinity Laban Conservatoire. Em 2006, fundou a orquestra portuguesa de jovens Momentum Perpetuum, que dirigiu durante cinco anos e com a qual fez uma digressão a Itália.

Entre 2010 e 2013, foi Director Artístico do Teatro Nacional de São Carlos em Lisboa. Foi Director executivo de duas das maiores instituições artísticas portuguesas: a Ópera Nacional e a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Entre as produções que dirigiu, destaca-se uma trilogia de *La traviata*, *Il trovatore* e *Rigoletto* para comemorar o Bicentenário de Verdi em 2013. Com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, dirigiu a integral das Sinfonias de Mozart e outras grandes obras sinfónicas e corais.

Após o contrato de três anos em Lisboa, desenvolveu dois grandes projectos na Dinamarca com as óperas *Lucia di Lammermoor* e *L'amico Fritz* para a Den Jyske Opera. Com a Sinfónica da BBC e os BBC Singers, fez a estreia mundial de *A Christmas Carol* de Neil Brand. Dirigiu também a Orquestra Sinfónica de Banguecoque.

Em 2017 regressou ao Teatro de São Carlos como maestro de ópera. Prosseguiu a sua longa relação com a Opera North, dirigindo *L'enfant et les sortilèges* (Ravel) e *Osud* (Janáček), dois projectos muitos aplaudidos pelo público e a crítica, dando continuidade ao forte vínculo que tem com o compositor checo. No Royal Northern College, em Manchester, dirigiu *Cendrillon* de Massenet. Em 2018 dirigiu inúmeras obras importantes do repertório sinfónico e as óperas *A Viúva Alegre* (Lehár), *Suor Angelica* e *Gianni Schicchi* (Puccini).

Jörg Widmann clarinete

Clarinetista, compositor e maestro, Jörg Widmann é um dos artistas mais fascinantes da sua geração. Na temporada de 2018/19 toca como solista com a Sinfónica da Rádio Bávara com Susanna Mälkki, a Sinfónica Nacional de Taiwan com Shao Chia Lu, a Filarmónica da Rádio NDR de Hanôver com Andrew Manze e a Orquestra de Câmara da Basileia com Heinz Holliger. É Artista em Residência na Sinfónica Nacional de Taiwan e será residente também no Orchestre de Paris.

Em música de câmara, ao longo de 2018/19 Widmann apresenta-se pela Europa com o Quarteto Hagen e em trio com Tabea Zimmermann e Dénes Várjon. Fez a estreia da obra *Joyce* de Peter Eötvös. Como maestro, colabora com a Orchestra della Svizzera italiana, a Sinfónica Metropolitana de Tóquio, o Boulez Ensemble de Berlim, a Kammerakademie Potsdam e a Junge Deutsche Philharmonie. Como maestro titular da Orquestra de Câmara da Irlanda, dirige-a em digressões na Europa e na América do Sul. Em 2018, dirigiu a estreia do seu Concerto para violino n.º 2, interpretado por Carolin Widmann e a Sinfónica Metropolitana de Tóquio. A obra será tocada nesta temporada pela Orchestre de Paris, a hr-Sinfonieorchester e a Filarmónica Real de Estocolmo.

Jörg Widmann estudou clarinete com Gerd Starke em Munique e Charles Neidich na Juilliard School em Nova Iorque. Fez a estreia mundial do Concerto para clarinete *über* de Mark Andre no Donauerschinger Musiktage 2015. Outros concertos para clarinete foram-lhe dedicados, entre os quais *Musik für Klarinette und Orchester* de Wolfgang Rihm (1999) e *Cantus* de Aribert Reimann (2006).

Widmann estudou composição com Kay Westermann, Wilfried Hiller e Wolfgang Rihm.

As suas obras foram premiadas com o prestigiante Prémio Elise L. Stoeger (Lincoln Center, 2009), o Prémio Paul Hindemith (2001), o Prémio Arnold Schoenberg (Viena/Berlim, 2004), o Prémio da Sinfónica SWR de Baden-Baden e Freiburg e o Prémio Claudio Abbado (Berlim, 2006). São apresentadas regularmente por maestros como Daniel Barenboim, Daniel Harding, Valery Gergiev, Kent Nagano, Christian Thielemann, Mariss Jansons, Andris Nelsons e Simon Rattle, e estreadas por orquestras como as Filarmónicas de Viena, Berlim e Nova Iorque, a Orchestre de Paris e a Sinfónica da BBC. É *Daniel R. Lewis Young Composer Fellow* na Orquestra de Cleveland, que estreou o seu Concerto para flauta *Flûte en suite* em 2011. A sua ópera *Babylon* foi estreada em 2012/13 na Ópera Estatal da Baviera sob a direcção de Kent Nagano. *Am Anfang* de Anselm Kiefer e Jörg Widmann foi estreada em 2009, no âmbito do 20º aniversário da Ópera da Bastilha, com Widmann no papel de maestro pela primeira vez na sua carreira.

Widmann teve residências em importantes festivais e orquestras: Festivais de Lucerna e Salzburg, Sinfónica de Bamberg, Orquestra da Tonhalle de Zurique, BOZAR e Elbphilharmonie. A sua obra foi colocada em foco pela Konzerthaus de Viena, a Alte Oper de Frankfurt, a Philharmonie de Colónia, o Carnegie Hall de Nova Iorque e a Gewandhaus de Leipzig.

Membro do Wissenschaftskollegs em Berlim, da Academia de Belas Artes da Baviera e, desde 2007, da Academia Livre das Artes de Hamburgo, da Academia Alemã de Artes Plásticas e da Academia de Ciências e Literatura de Mainz, Jörg Widmann é professor de composição na Academia Barenboim-Said em Berlim.

Jorge Prendas narrador

Jorge Prendas nasceu no Porto, em 1968, e iniciou os estudos musicais aos 10 anos. Concluiu o curso geral de composição no Conservatório de Música do Porto, na classe de Fernando Lapa, e a licenciatura em ensino da música/composição na Universidade de Aveiro, em 2003. Estudou com professores como Evgueny Zouildikine e João Pedro Oliveira. No domínio da Música Electrónica compôs *A aparente ilusão de um som*, que obteve um “encouragement” no Festival Internacional de Música Electrónica Musica Viva 2002 e foi seleccionada para o Seoul International Computer Music Festival 2002. Em 2003 obteve uma menção honrosa no Festival Internacional Música Viva com a peça *Uma leitura possível para um poema de Eugénio de Andrade*. Esta peça foi executada no festival Synthèse em Bourges, em 2004. Em 2010, com a peça *Qualche respiro*, foi um dos três finalistas do concurso internacional Harvey G. Phillips Awards for Excellence in Composition. Tem composto para as mais diversas formações, tendo já sido editadas em disco e em livro várias das suas obras.

Leccionou Análise e Técnicas de Composição, História da Música, Acústica e Classes de Conjunto, e orientou seminários de música com comunidades. Desde 2007, colabora com o Serviço Educativo da Casa da Música, do qual é Coordenador desde Setembro de 2010, onde tem desenvolvido e dirigido inúmeros projectos e espectáculos. Entre 2013 e 2015 fez parte do *steering committee* da RESEO (Rede Europeia para a Educação em Ópera e Dança).

Actualmente é o responsável artístico e pedagógico das Orquestras Energia Fundação EDP e Coordenador de Formação de workshop *leaders* do Tokyo Bunka Kaikan, dois projectos que estão a ser desenvolvidos pela Casa da Música.

Desenvolve trabalho noutras áreas musicais, como é o caso do quinteto *a cappella* Vozes da Rádio, que ajudou a criar em 1991. Com este grupo já gravou dez discos e dois DVD, assinando a maior parte dos arranjos e originais, assim como a produção musical, e realizou centenas de concertos em Portugal, Espanha, Inglaterra, Macau e Hong Kong.

Tem tido participações pontuais no cinema não apenas como compositor de bandas sonoras, mas também como actor. *O Barão, Cine-Sapiens, A Caverna, O espectador espantado* e *Delírio em Las Vedras* são os filmes de Edgar Pêra em que participou. Compôs igualmente a banda sonora do filme de Cláudia Clemente *O dia em que as cartas pararam*. Como compositor e actor participou no novo filme de Edgar Pêra *Caminhos magnéticos* (2018).

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de noventa obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico, Brad Lubman, Peter Eötvös, Paul Hillier, Titus Engel, Baldur Brönnimann, Heinz Holliger, Olari Elts e Pedro Neves, entre outros.

No plano internacional apresentou-se em Valência, Barcelona, Madrid, Ourense, Huddersfield, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo,

Donaueschingen, Roterdão, Amesterdão e Luxemburgo, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer e Daniel Moreira, além de obras de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais da ópera *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo) com encenação de Nuno Carinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carinhas. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Harrison Birtwistle, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Oscar Bianchi e Philip Venables.

A temporada de 2019 do Remix Ensemble é alimentada pelas residências artísticas de dois notáveis músicos europeus: Peter Eötvös, num programa que inclui a estreia portuguesa do melodrama *Secret Kiss*, uma encomenda da Casa da Música em parceria com outras instituições internacionais; e Jörg Widmann, como clarinetista e maestro. Apresenta obras de Ligeti ao lado do pianista Pierre-Laurent Aimard, do violoncelista Lucas Fels e do trompetista Aleš Klančar. Mais tarde, divide o palco com a maestrina Sian Edwards e a violinista virtuosa Carolin Widmann, num programa que estreia duas obras encomendadas a Rebecca

Saunders e Ângela da Ponte. Regressa ainda à *Arte da Fuga* de Bach, na versão desafiante de Johannes Schöllhorn que já deu origem a um disco aclamado pela crítica.

O Remix tem dezassete discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn e Aperghis. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Violino

Angel Gimeno
Afonso Fesch

Viola

Trevor McTait
Alfonso Noriega

Violoncelo

Filipe Quaresma
Tiago Silva

Contrabaixo

António A. Aguiar
Jorge Castro

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

José Fernando Silva

Clarinete

Victor Pereira
Ricardo Alves

Fagote

Roberto Erculiani
Álvaro Machado

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Aleš Klančar
Sérgio Pacheco

Trombone

Ricardo Pereira

Tuba

Adélio Carneiro

Percussão

Mário Teixeira
Nuno Aroso

Piano

Jonathan Ayerst

Harpa

Carla Bos
Erica Versace

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

